



**CINEMA ACESSÍVEL AO PÚBLICO COM DEFICIÊNCIA VISUAL:
o projeto cinema ao pé do ouvido**

***CINEMA ACCESSIBLE TO THE VISUAL IMPAIRMENT AUDIENCE: the cinema
project pé do ouvido***

Flávia Affonso Mayer¹

Ana Cláudia Xavier²

Anita Resende³

Bianca Anacleto⁴

Flávia Durães⁵

Gustavo Silva⁶

Webster Moreira⁷

Júlio Pinto⁸

¹ Doutoranda em Letras (PUC – Minas)

² Mestranda em Comunicação Social (PUC – Minas)

³ Graduanda em Comunicação Assistiva (PUC – Minas)

⁴ Graduanda em Psicologia (PUC – Minas)

⁵ Mestranda em Letras (PUC – Minas)

⁶ Graduando em Psicologia (PUC – Minas)

⁷ Graduando em Relações Públicas (PUC – Minas)

⁸ Doutor Coordenador do Projeto

Resumo: *O presente artigo é um recorte das principais discussões e apontamentos feitos ao longo de três anos do Projeto Cinema ao Pé do Ouvido, desenvolvido na PUC Minas. Tendo como cerne a investigação sobre a audiodescrição – ferramenta que visa a acessibilidade da imagem ao público com deficiência visual –, a análise de suas técnicas e potencialidades, o projeto se dedica aos estudos sobre o cinema, aos de recepção, cognição e semiótica, e se propõe a ser um espaço de interação e lazer, ao exibir filmes acessíveis.*

Palavras-chave: *Audiodescrição. Cinema. Deficiência visual. Acessibilidade. Cognição.*

Abstract: *This article is a selection of the main discussions and notes made through three years at the Project Cinema ao Pé do Ouvido, developed at PUC Minas. Having as its core the investigation of audiodescription – tool that targets the accessibility of image to the visually impaired audience –, the analysis of its techniques and potencialities, the project is dedicated to studies about cinema, reception, cognition and semiotics, and has the proposition of being a space of interaction and leisure, exhibiting accessible movies.*

Keywords: *Audiodescription. Cinema. Visual impairment. Accessibility. Cognition.*

1. Considerações iniciais

Diariamente, somos expostos a um verdadeiro bombardeio de informações visuais. No computador, nos livros, no trânsito, nas compras, no supermercado, no cinema, em casamentos, nos registros de nossas viagens, nos eventos esportivos: a imagem está sempre lá. O que pensar, então, das pessoas que não processam a imagem, ou a conhecem restritamente? Elas têm acesso a todas essas maravilhas? Sendo estes sujeitos demandantes de informação e cultura – como qualquer outro cidadão – é preciso refletir de maneira crítica sobre a acessibilidade do público com deficiência visual a esses produtos/eventos.

Diante disso, não se pode negar, algumas ferramentas vêm sendo desenvolvidas para tentar promover a inclusão, e uma delas é a audiodescrição. Como atividade técnica e

profissional, a audiodescrição nasceu em 1975, nos Estados Unidos, a partir das ideias de Gregory Frazier (SILVA, 2009). Modalidade de tradução intersemiótica, ou como também poderemos afirmar, um recurso pedagógico de tecnologia assistiva, a audiodescrição é orientada para as necessidades de pessoas com deficiência visual, seja ela parcial ou integral. Isso quer dizer que um sistema de signos visuais de produtos como os audiovisuais, teatro, ópera e dança é convertido em textos sonoros e apresentados por meio de uma faixa de áudio extra, integrada ao som original do produto.

Tendo como um de seus principais objetivos fornecer informação adicional ao público, a audiodescrição disponibiliza, por meio do som, detalhes visuais importantes como roupas/figurinos, indicação de tempo e espaço, movimentações e ações de personagens/pessoas. Para um melhor resultado, essas narrações extras devem ser inseridas nos intervalos dos diálogos e dos ruídos importantes, de modo a não se sobrepor aos efeitos musicais e sonoros já existentes – extremamente importantes para construção da cena.

Apesar de possuir técnicas próprias e de exigir uma boa preparação por parte dos audiodescritores, a audiodescrição é, na verdade, a institucionalização de algo que antes era feito informalmente, graças à sensibilidade e boa vontade de algumas pessoas. Segundo Rodrigues (2009), ater-se às narrações feitas nas lacunas de silêncio dos filmes, peças de teatro ou em outros tipos de espetáculo é uma prática familiar para os cegos, já que parentes e amigos geralmente complementam as informações que os deficientes visuais capturam pelos demais sentidos.

Porém, se por um lado essa certa “informalidade” com que a audiodescrição é empreendida, mostra-se de extrema importância para a acessibilidade de muitos deficientes visuais, por outro, ela faz com que sua prática, muitas vezes, seja efetuada com base nos parâmetros impostos pela experiência usual de imagens por aqueles que veem, isto é, com base na mera visibilidade de quem enxerga. Nesses casos, ao fazer a descrição das imagens, são desprezadas as particularidades cognitivas e as diferentes formas de percepção entre os interlocutores.

Partindo-se do princípio de que audiodescritores e deficientes visuais possuem reais, porém distintas relações sociais e culturais com a imagem visual, torna-se necessário abordar temas que enriqueçam os estudos da área. Diante disso, e da pouca bibliografia sobre o assunto, em 2011 foi criado, no Programa de Pós-graduação em Comunicação Social, da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, o Projeto de Extensão *Cinema ao Pé do Ouvido*. Espaço voltado para o acesso e a integração sociocultural das pessoas com deficiência visual por meio da veiculação de filmes com audiodescrição. O projeto conta com pesquisadores de quatro áreas do conhecimento (Comunicação Social, Letras, Psicologia e Comunicação Assistiva) e visa proporcionar material empírico para pesquisas em torno deste público, bem como dos processos cognitivos e das linguagens possíveis para a audiodescrição.

Ao longo deste artigo, serão discutidas algumas questões importantes que emergiram nesses três anos de projeto, bem como apresentar algumas reflexões que derivaram delas. Espera-se, com isso, contribuir para o apontamento de diretrizes para uma audiodescrição que seja de fato acessível, levando-se em conta as características interpretativas e culturais dos deficientes visuais brasileiros.

2. Projeto *Cinema ao Pé do Ouvido*

Procurando dialogar com os processos da audiodescrição de uma forma ainda experimental e exploratória, o escopo de ações do Projeto *Cinema ao Pé do Ouvido* se dá a partir das seguintes etapas: ao início de cada ano, formar um grupo de voluntários composto por deficientes visuais, traçar o seu perfil e, a partir disso, selecionar os filmes a serem audiodescritos, roteirizar a audiodescrição de cada um dos filmes, gravar a respectiva faixa de audiodescrição, masterizar o filme, exibi-lo com audiodescrição para o grupo de voluntários e analisar as percepções do grupo.

Como caminho intrínseco a este processo, foi preciso estabelecer um método que indicasse critérios para a análise dos dados. Entre os espectadores das sessões, é comum a presença de deficientes visuais congênitos, dos que perderam a visão ao longo da vida,

que conseguem distinguir nuances de luz e aqueles que não decodificam nenhum estímulo visual. Quanto à educação, há tanto aqueles que tiveram acesso a uma educação inclusiva quanto quem não teve acesso à educação formal de maneira geral. Alguns assistem a filmes habitualmente, outros chegam sem ter contato prévio com o cinema.

Diante disso, a cada início de ano, a cada novo voluntário que ingressa no projeto, é aplicado um questionário de linha de base, a fim de estabelecer a história dos voluntários participantes: detalhes sobre a deficiência (quando deixou de enxergar, causa, características da deficiência), relação com os meios audiovisuais, com a leitura, com cultura, com a educação formal. Esses dados são fundamentais para a análise das discussões após as exibições, já que o tipo e grau de deficiência de cada indivíduo, bem como a forma com que cada um foi estimulado ao longo da vida influenciam de maneira significativa os depoimentos colhidos nas discussões após os filmes.

No que diz respeito à forma com que essas discussões foram estruturadas, cabe aqui uma importante ressalva. No primeiro ano do projeto, foi utilizado como método de abordagem com os voluntários após os filmes a aplicação de um questionário semiestruturado, em que eram abordadas questões como: quem era o personagem principal, onde a história transcorreu, qual a parte do filme chamou mais atenção, além de algumas questões específicas sobre a audiodescrição. Porém, como se mantinha o mesmo ao longo de todas as exibições, o questionário acabou se tornando um mediador da interação dos participantes com o filme. Ou seja, uma vez que as perguntas se repetiam ao longo dos encontros, em vez de assistirem ao filme de maneira livre, os voluntários passaram a procurar as respostas para o que seriam indagados, direcionando a leitura.

Essa influência foi, pela primeira vez, percebida quando um dos voluntários, ao ser perguntado sobre o tempo diegético do filme, demonstrou insegurança por não saber a resposta “com clareza”, alegando não estar respondendo bem as perguntas referentes ao questionário: “Essa é a mais difícil, eu não sei se eu estou respondendo bem” (Participante B).

Depois disso, foi observado que os outros voluntários apenas respondiam ao questionário, sem acrescentar dados além dos perguntados, mesmo quando estes lhe eram solicitados. De modo geral, parece ter se estabelecido entre os participantes a ideia equivocada de haver uma maneira correta de responder os questionários.

Cobo, Rodríguez e Bueno (2003), apontam que “a sociedade exige que os indivíduos cegos apreciem as coisas como os videntes”, o que consideramos que pode ter sido um aspecto potencializado pelo questionário empregado na entrevista. Pequenas demonstrações de ansiedade e dificuldades para responder as perguntas, segundo os aspectos escolhidos, indicavam que os parâmetros escolhidos não foram, de fato, pertinentes à proposta.

Assim, durante o segundo ano do projeto, foram utilizadas entrevistas individuais e abertas. Num primeiro momento (individual), solicitava-se apenas que os participantes falassem sobre o filme e sobre a técnica empregada na audiodescrição. No segundo momento, realizava-se uma roda de discussão em que os mesmos temas suscitados individualmente poderiam ser levantados e debatidos por todos os participantes. A partir de 2013, porém, os questionários individuais foram abolidos, restando apenas os debates. Neles, foram desenvolvidos tópicos relacionados à qualidade e contribuição da audiodescrição, bem como o processo de interpretação estabelecido pelos participantes. Os pesquisadores desempenham o papel de moderadores para estimular a discussão.

É difícil afirmar se esse novo formato foi a origem da forma “mais autônoma” com que os voluntários passaram a se relacionar com os filmes, ou se ela foi proporcionada pela maior proximidade que eles passaram a ter com a linguagem cinematográfica ao longo das exibições, ou mesmo pelas diferentes técnicas de audiodescrição utilizadas no momento de elaboração do roteiro. Fato é que, ao contrário do cenário inicial, onde parecia ser necessário encontrar a interpretação correta, os voluntários pareceram se apropriar da audiodescrição como ferramenta para construir um sentido individual sobre o filme. A partir de então, surgiram relatos sobre as sensações e sentimentos, sobre os subtextos do filme. Discussões sobre o que aconteceu na cena parecem ter dado lugar a debates sobre relações mostradas nos

filmes e o lugar dos personagens no enredo, exemplificados neste diálogo, colhido em um dos debates:

- Ela falou, “estou indo para o velório do meu pai. Estou aqui em São Paulo mas não vou ficar”. Inclusive, uma frase que ela falou e que o Participante E citou bem, é quando ela fala “eu estou perdida”. Quer dizer, em São Paulo mesmo, se você não tiver uma referência, você fica perdido mesmo. Participante B

- Mas mais que o perdido físico do local, do espaço, ela está perdida em si mesma. Ela não sabe o que fazer da vida dela. O pai morreu, ela está perdida, ela não sabe se ela gosta do Alex ou não, ela está perdida, talvez eles não quisessem nem se encontrar.

Participante E

- Ela fala “eu acho que quero te encontrar”, ela fala assim meio sem querer falar “eu acho que quero te encontrar”, mas como assim “eu acho”, não é?

Participante C

- Tem uma frase que ela fala sobre o buraco, que ela não quer deixar de sair do buraco. Quer dizer, ela está no fundo do poço mesmo e não tem força pra poder sair, para poder se superar, dessa perda do pai dela que foi muito forte pra ela.

Participante B

- Mas vocês acham realmente que ela está triste com o pai? Ou ela naturalmente é uma pessoa perdida?

Participante E

Em um cenário diferente das primeiras repostas, inseguras e estereotipadas, os voluntários com deficiência visual parecem ter se apropriado do conteúdo do filme de maneira subjetiva, construído o significado para si mesmos e criado questões sobre as relações presentes no enredo. Ao serem perguntados sobre como eles avaliavam as próprias relações com o cinema, um dos voluntários disse:

Acho que tem a ver com nosso processo de aprendizado, aprender a ouvir, porque a gente é cego e a gente aprende a ouvir ao longo do tempo. Até porque a audiodescrição é algo muito novo, nós não assistimos filmes com audiodescrição todos os dias, em todos os filmes que nós assistimos.

Participante E

3. A importância da manipulação do som na audiodescrição

Desde os primeiros debates com o grupo de voluntários, os gêneros fílmicos escolhidos e os processos de elaboração dos roteiros apareceram como fatores que interferiam de maneira bastante significativa na interpretação do público. Da mesma forma, itens que diziam respeito à manipulação sonora também se mostraram relevantes. Além das constantes referências à entonação do narrador da audiodescrição, a masterização do filme se mostrou extremamente importante.

Tal fato pôde ser melhor observado no segundo semestre de 2012, quando em uma das sessões de exibição, o áudio original do filme exibido estava mais baixo que a narração da audiodescrição. Essa discrepância trouxe desconforto aos voluntários da pesquisa, já que a audiodescrição se destacava nas cenas, fazendo com que o público saísse da imersão fílmica, fato que foi bastante mencionado no debate.

Como um dos objetivos da audiodescrição, dentro do projeto, é permitir que o espectador estabeleça um pacto ficcional com o filme, a partir das declarações colhidas, novos detalhes passaram a ser observados de maneira ainda mais atenta. Além disso, nos processos de edição e masterização, passamos não só a acrescentar informação sonora (a narração da audiodescrição), mas também a editar o áudio original. A seguir, destacaremos alguns deles, além de algumas reflexões.

3.1 *Performance* do narrador da audiodescrição

De forma análoga à *performance* do ator, a imagem audiodescrita, ao ganhar voz a partir da interpretação do locutor, sugere sentidos e sentimentos diversos ao público. Isso porque, quando um texto visual se tornar oral, pode não sugerir sentido algum caso não passe a deter um desenho melódico, rítmico e harmônico.

Partindo da constatação trivial de que a emoção altera a voz ou, no caso da audiodescrição, a voz altera a emoção, busca-se no projeto estabelecer uma correspondência entre o código emotivo e os traços fônicos. Isso corresponde a dizer que a raiva e a alegria podem ser marcadas por um forte quadro melódico ascendente em relação a um estado “neutro”, enquanto a tristeza seria indexada por um leve desenho melódico descendente, por exemplo.

3.2 Trilha musical

Outro elemento sonoro importante é a trilha musical. Ela pode ser melhor explorada com a intenção de imprimir emoções, intensificar a dramaticidade da cena ou da voz, ou mesmo criar paisagens por meio da associação com imagens mentais do espectador, sugerindo determinados sentidos para esse ouvinte (VIANNA, 2011).

A música teria, pois, uma forte função expressiva na audiodescrição quando afeta o espectador ao sugerir reações emotivas como amor, tranquilidade, medo; e descritiva quando a música denota uma paisagem ou um período histórico, como hinos e canções de época. Nesses casos, em muitas das vezes, opta-se por não se descrever as imagens, mas destacar a trilha (aumentando o volume quando necessário) para que a cena seja construída, por inferência, pelo público, e não pelo narrador.

3.3 Efeito sonoro

O efeito sonoro também é conhecido como sonoplastia. Ele atua como índice do objeto representado, a fim de que o ouvinte reconheça e estabeleça associações, que, pelo caráter referencial assumido pelo ruído, se dá por contiguidade (SILVA apud VIANNA, 2011). Assim, de maneira análoga ao que acontece com a trilha sonora, opta-se no projeto por dar destaque aos sons que identificam a presença de certos objetos (aumentando o volume quando necessário) em vez de narrá-los. Caso não haja essa sonorização no filme, faz-se então a descrição dele.

3.4 Silêncio

O silêncio é um elemento que sugere sentido pela oposição aos demais elementos sonoros do filme e da audiodescrição. Ao trabalhar a relação do silêncio com o rádio, Antón (apud VIANNA, 2011) classifica o silêncio de acordo com a função em relação à mensagem. Segundo a autora, ele pode ser: I) *funcional*, quando acompanha uma ação, quando dois personagens fazem uma grande pausa antes de continuar falando; II) *expressivo*, quando é utilizado para criar ou reforçar sentimentos, como por exemplo, o sentimento de pesar, o luto, a homenagem a quem faleceu; III) *descritivo*, quando serve para descrever ou ambientar um espaço, como por exemplo, o ambiente silencioso de um hospital; ou IV) *narrativo*, quando estrutura o conteúdo, ordenando o relato, separando as partes diferentes da história, como por exemplo, o silêncio pode sugerir o início e o fim de algumas cenas.

Assim, no que diz respeito à audiodescrição, o silêncio deve ser explorado com parcimônia. Mesmo ele sendo o espaço de inserção das falas do narrador, o silêncio também tem um grande valor semântico e, muitas vezes, pode expressar mais do que a descrição das imagens da cena. Assim, em alguns momentos, ele deve ser respeitado e mantido no filme com audiodescrição.

4. A inserção do bipe

Além das investigações sobre os sons originais do filme e a entonação de voz do narrador da audiodescrição, uma outra vertente de estudos abordada no projeto é a inserção de outros sons, que não pertencem ao produto original, mas que podem auxiliar na descrição das imagens. Devido à dificuldade dos voluntários em perceber a alteração de espaço ao longo do filme – causada, muitas vezes, pela ausência de intervalo de silêncio no início da cena que pudesse viabilizar a inserção da audiodescrição que narrasse esta alteração do cenário –, foi inserido um bipe a cada mudança de cena. Porém, tanto em experimentos, em 2012 quanto em 2013, foi

relatado que o bipe era muito alto, além de causar susto e confusão dos participantes ao escutá-lo.

Mesmo após a modulação do bipe para um volume que não causasse incômodo, os participantes continuaram rejeitando a inserção. Segundo eles, o bipe desviava muito a atenção da história, era invasivo e interferia na “naturalidade” da narrativa. Frente às declarações, o bipe foi retirado e optou-se por uma outra estratégia: para marcar a mudança de cenários ao longo do filme, faz-se agora a modulação do som, aumentando o volume da cena para marcar a diferença da ambiência sonora do primeiro espaço com relação ao segundo. Assim, por exemplo, se em uma cena um personagem está em seu quarto ouvindo música e, na cena seguinte, ele caminha por uma rua movimentada, a percepção da mudança do som de fundo (de música para barulho de veículos) deixa mais clara a alteração de ambiente/cena. Essa ação foi muito bem recebida pelos voluntários, que alegaram se sentir mais confortáveis com a nova marcação.

5. Para não concluir

Muitos são os desafios para as pesquisas sobre as técnicas de audiodescrição. Em um universo com tantas possibilidades de abordagem, mostra-se necessário uma investigação contínua e pormenorizada, que aborde as questões relativas à cognição e à tradução intersemiótica. Nesse sentido, a manipulação do som original do filme e as possibilidades de narração das imagens são alguns dos itens a serem explorados pelo projeto.

Sendo a audiodescrição uma possibilidade da pessoa com deficiência visual se relacionar sob novas formas com o universo cinematográfico, é preciso, antes de mais nada, respeitar as características desse público, a maneira de se relacionar e lidar com a imagem. O papel da audiodescrição é servir como uma possibilidade de acesso e novas interações, não de dominação de imagem (lógica pela qual nossa sociedade se orienta) sobre as pessoas com eficiência visual.

Referências

BAKHTIN, M. VOLOCHINOV. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

COBO, A.D., RODRIGUEZ, M. G. BUENO S.T. **Aprendizagem e Deficiência visual**. In Martim, M.B., BUENO, S.T. Deficiência Visual: Aspectos Psicoevolutivos e3 Educativos. São Paulo: Santos Livraria e Editora 2003

MAYER, Flávia; SÁ, Luiza. **Diagnóstico de comunicação para a mobilização social: promover autonomia por meio da audiodescrição**. Belo Horizonte, 2010.

MAYER, Flávia. **Imagem como símbolo acústico: a semiótica aplicada à pratica da audiodescrição**. Dissertação de mestrado defendida em Belo Horizonte, PUC Minas. 2011.

RODRIGUES, Iracema. A Dimensão Formativa do cinema e a audiodescrição: um outro olhar. In: **Anais do II Encontro Nacional de Estudos da Imagem**. Londrina, 2009.

SILVA, Manoela. **Com os Olhos do Coração**: estudo acerca da audiodescrição de desenhos animados para o público infantil. Dissertação de mestrado defendida em Salvador na UFBA, 2009.

VIANNA, Graziela, **Elementos sonoros da linguagem radiofônica: a sugestão de sentido ao ouvinte-modelo**, de Vianna. Porto Alegre, Compós 2011.